

**PSICOLOGIA E CLIMA ESCOLAR:
Relato de experiência sobre prática em escola pública**

ÍISIS EDUARDA JESUS SOUSA
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB
LESIANA OLIVEIRA VAZ
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB
SILVÂNIA VAZ ARAÚJO
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

RESUMO:

O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência de três graduandas do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Vitória da Conquista, em relação a uma atividade prática realizada na disciplina intitulada “Psicologia e Educação”. A prática teve como objetivo avaliar a qualidade do clima escolar de uma escola pública do município, bem como entender o papel do psicólogo nesse contexto. Para tanto, foi utilizado como metodologia o “Manual de orientação para a aplicação dos questionários que avaliam o clima escolar”, que é disponibilizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral (GEPEM), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Este apresenta oito dimensões que foram adaptadas para uma linguagem simples, a fim de atender à realidade escolar. Ao longo da aplicação do manual, realizada durante oito encontros, foi notório nos resultados a presença de problemas de má convivência entre os pares. Portanto, foi construído um relatório a ser entregue à coordenação educacional, em que destacava as principais demandas observadas em cada dimensão do instrumento e, junto a este foram acrescidas sugestões de propostas que visavam a melhoria do clima escolar e das vivências coletivas.

Palavras-chave: Clima escolar. Psicologia. Relato de experiência

ABSTRACT

The present work aims to report the experience of three undergraduate students of the Psychology course at the State University of Southwest Bahia (UESB), Vitória da Conquista campus, in relation to a practical activity carried out in the discipline entitled “Psychology and Education”. The practice aimed to evaluate the quality of the school climate in a public school in the city, as well as understand the role of the psychologist in this context. To this end, the “Guidance manual for the application of questionnaires that assess school climate” was used as a methodology, which is made available by the Study and Research Group on Moral Education (GEPEM), at the State University of Campinas (Unicamp). It presents eight dimensions that were adapted into simple language, in order to meet the school reality. Throughout the application of the manual, carried out during eight meetings, the presence of problems of poor coexistence between peers was evident in the results. Therefore, a report was created to be delivered to the educational coordination, which highlighted the main demands observed in each dimension of the instrument and, along with this, suggestions for proposals aimed at improving the school climate and collective experiences were added.

Keywords: Experience report. Psychology. School climate.

1. Introdução

O presente trabalho tem como propósito relatar a experiência de três graduandas do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), em relação a uma atividade prática realizada na disciplina intitulada “Psicologia e Educação”, referente ao ano de 2023. A atividade esteve sob a orientação do professor Pablo Mateus dos Santos

Jacinto¹ e da monitora Shirlei Rocha Silva².

A prática teve como objetivos principais avaliar a qualidade do clima escolar de uma escola pública do município de Vitória da Conquista-BA, bem como compreender a atuação do psicólogo no contexto escolar. Desse modo, objetivamos contribuir coletivamente no desenvolvimento de propostas de intervenção que pudessem ajudar na melhoria do ambiente institucional. Nesse sentido, o clima escolar, segundo Vinha, Morais e Moro (2017, p. 8):

corresponde às percepções dos docentes, discentes, equipe gestora, funcionários e famílias, a partir de um contexto real comum, portanto, constitui-se por avaliações subjetivas. Refere-se à atmosfera psicossocial de uma escola, sendo que cada uma possui o seu clima próprio. Ele influencia a dinâmica escolar e, por sua vez, é influenciado por ela e, desse modo, interfere na qualidade de vida e na qualidade do processo de ensino e de aprendizagem.

Assim, por ser atravessado por inúmeras variáveis, o clima escolar deve ser analisado e construído com a ajuda de todos os integrantes que compõem a rede escolar. Posto isto, ao analisar os problemas de convivência no ambiente escolar tais como bullying, violência e indisciplina, percebe-se que a responsabilidade por esses obstáculos ainda é transferida para os alunos e/ou aos familiares. Nesse sentido, não se leva em conta que o clima escolar negativo tende a corroborar para o desenvolvimento de um ambiente hostil.

O desconhecimento sobre o clima escolar e seus impactos no ambiente e nas relações tende a impossibilitar o vislumbre de ações efetivas para a promoção de um espaço de convivência favorável. Destarte, Vinha, Morais e Moro (2017, p. 9) pontuam que “embora largamente discutido em outros países, o clima escolar ainda é pouco estudado no Brasil. Professores e gestores desconhecem as dimensões que compreendem o clima e sua influência na escola.” Isso faz com que o processo de culpabilização no ambiente escolar ainda seja mais recorrente.

Nessa perspectiva, ao resgatar também a história da Psicologia Escolar no Brasil, observamos que suas práticas visavam solucionar impasses específicos dentro do contexto educacional. Assim, buscava utilizar os conhecimentos da psicologia, sobretudo da psicometria para resolver os problemas de aprendizagem e questões comportamentais dos alunos. Seguia-se um modelo clínico-terapêutico que focalizava a causa dos problemas educacionais apenas no indivíduo. Além disso, objetivava encaixar o aluno em um padrão socialmente aceito, uma questão que ainda é recorrente no cenário hodierno. Diante disso, segundo Andaló (2008, p. 156) a Psicologia:

exerceu sobre a Educação, uma influência bastante nefasta, pois os problemas de escolarização passaram a ser localizados basicamente nos próprios alunos e em suas

¹ Professor dr. Pablo Mateus dos Santos Jacinto, ministrante da disciplina de “Psicologia e Educação”.

² Shirlei Rocha Silva, monitora da disciplina de “Psicologia e Educação”.

famílias, geralmente vistas como desorganizadas e desestruturadas. Trata-se de uma fase, que, aliás, ainda perdura até hoje, em que lidava com as chamadas dificuldades ou distúrbios de aprendizagem, procedendo a todo um processo de avaliação (testagem), orientação e encaminhamento (terapêutica), que desempenhou uma função fundamentalmente estigmatizante e discriminadora com relação aos alunos, em especial aqueles oriundos das camadas populares.

Diante disso, os problemas oriundos do âmbito escolar se configura como algo complexo e que precisa levar em conta as redes de relações presentes nesse espaço, isto é, precisa envolver escola, pais e alunos na resolução do impasse, uma vez que não se trata de algo isolado.

Em vista disso, compete ao profissional da psicologia no ambiente educacional uma atividade diária construída e desempenhada de maneira interdisciplinar e crítica. Dado que o contexto escolar, assim como qualquer outro, é multifacetado e carece de desenvolvimentos teóricos e práticos solidificados que visem o melhor entendimento das complexidades que lhe são inerentes. Assim, para Cassins e cols., (2007) *apud* Dias, Patias e Abaid (2014, p.108) :

O psicólogo busca defender os direitos do indivíduo no atendimento de suas necessidades educacionais e promover seu desenvolvimento, sem discriminação ou intolerância de qualquer tipo ou grau, tendo o cuidado de não reproduzir formas de dominação. Neste sentido, é preciso que o psicólogo tanto se encontre inserido no contexto no qual esses processos ocorrem como conheça aspectos históricos, econômicos, políticos e culturais da população e da comunidade que atende.

Diante disso, é de incomensurável relevância que a atuação do psicólogo (a) escolar perpassa o conhecimento sobre o clima escolar da instituição para qual ele(a) trabalha, uma vez que este material servirá para endossar a suas intervenções.

O desenvolvimento de um clima escolar positivo tende a favorecer desde o processo de convivência interpessoal até o ensino e aprendizagem dos indivíduos inseridos no contexto escolar. Segundo Vinha, Morais e Moro (2017, p. 9):

As escolas que possuem clima escolar positivo apresentam bons relacionamentos interpessoais, um ambiente de cuidado e confiança, qualidade no processo de ensino e aprendizagem, espaços de participação e de resolução dialógica dos conflitos, proximidade dos pais e da comunidade, uma boa comunicação, senso de justiça (as regras são necessárias e obedecidas e as sanções são justas), um ambiente estimulante e apoiador, centrado no aluno, em que os indivíduos sentem-se seguros, apoiados, engajados, pertencentes à escola e respeitosamente desafiados.

Com isso, é importante uma estrutura física adequada, um bom relacionamento interpessoal entre os membros da instituição, estabelecimento de vínculo família-escola e segurança. O fomento dessas áreas alcança uma contribuição significativa em todos os âmbitos da instituição.

Dessa maneira, ao se ater a definição de clima escolar apresentada anteriormente, o presente trabalho irá apresentar, de forma sucinta, uma análise das falas advindas da aplicação acerca do “Manual de orientação para a aplicação dos questionários que avaliam o clima escolar”. Este manual é disponibilizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral (GEPEM), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). O manual foi adaptado

para uma linguagem simples, a fim de atender à realidade escolar e a idade dos alunos que iriam respondê-lo. A modificação e aplicação do instrumento foram realizadas pelas próprias alunas de Psicologia perante as orientações do professor Pablo Mateus dos Santos Jacinto.

2. Desenvolvimento

2.1 - Clima Escolar: Procedimentos, Resultados e Discussão

A unidade escolar em questão pertence a rede municipal de ensino e fica localizada em Vitória da Conquista/BA, cidade que possui cerca de 370.879 habitantes. A instituição abarca séries do ensino fundamental I e II e, desempenha suas atividades em dois turnos. Para este relato de experiência, levaremos em consideração apenas o turno matutino, expediente que foi objeto de nosso estudo.

A avaliação do clima escolar ocorreu no período de 18 de setembro a 13 de novembro de 2023, contabilizando oito encontros. Os métodos utilizados foram: observação dos alunos dentro e fora da sala de aula e entrevistas (individual e grupal), com duração de no máximo 2 horas. As informações que coletamos foram fornecidas por discentes e professores que aceitaram participar das entrevistas. Além disso, conversamos com a coordenação da escola para conhecermos melhor a estrutura da instituição e o seu funcionamento interno.

Primeiramente, foram feitas observações em sala de aula, com duração de 10 a 15 minutos e, em seguida, era solicitado a participação de dois discentes para as entrevistas. O nosso intuito por meio das observações era perceber como as relações se davam entre os pares, bem como captar questões pertinentes no âmbito escolar tais como: pertencimento, relações de amizade, confiança, conflito, entre outros.

As entrevistas foram efetuadas em locais reservados da escola, tais como a sala de projeção ou nos arredores da instituição, para que os alunos pudessem ter privacidade ao contar suas vivências e percepções acerca do ambiente escolar. Nós, como estudantes de Psicologia, servimos como mediadores na comunicação entre os alunos e a gestão escolar. Durante esse processo, realizamos a escuta e o acolhimento desses estudantes e, posteriormente, selecionamos as principais demandas trazidas por eles para serem levadas a direção da escola. A devolução foi realizada através da construção de um relatório em que estavam inseridas as observações feitas e também, possíveis propostas de intervenção.

Os conteúdos das entrevistas abrangeram diversos temas que foram divididos em dimensões específicas no instrumento. As questões presentes versavam sobre ensino e aprendizagem; conflitos na escola; regras, sanções e segurança; intimidação; família; infraestrutura; e relações com o trabalho.

A primeira observação foi um momento proporcionado para conversar com a

coordenação e conhecer a estrutura física da escola. No mesmo dia, observamos a organização e as interações dos alunos durante o recreio. Esse primeiro momento foi realizado para o estabelecimento do vínculo com a instituição, bem como para explicar como ocorreria as próximas visitas. Em todos os encontros estávamos sob a supervisão do professor ou da monitora da disciplina.

Ao dar início a aplicação do instrumento, abordamos a dimensão sobre “relações com o ensino e com a aprendizagem”. Nessa dimensão foi preciso levar em consideração o período pós pandêmico, o qual impactou diretamente a organização dos espaços educacionais e a própria relação dos alunos com a escola. Diante desse fato, a disposição das salas, no que se refere a quantidade de alunos que as compõem, se fez notar, uma vez que as turmas passaram a ter menos alunos.

Durante nossas observações em sala, foi perceptível a falta de uma maior inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais em relação aos conteúdos didáticos aplicados nas turmas. Com isso, percebe-se que mesmo com diversas discussões acerca da inclusão social, ainda é recorrente ações segregadoras e estigmatizantes com esse público. Diante disso, “[...] incluir de fato pessoas com necessidades educativas especiais no sistema regular de ensino significa mais do que apenas possibilitar que elas se insiram no contexto social e usufruam o mesmo espaço físico dos considerados normais.” (Leonardo, 2008, p. 432).

Foi notório, também, a percepção de um rótulo de “turma difícil” depositado sobre uma determinada sala. Os alunos que a compunham carregavam esse título por apresentarem, durante o período de aula, comportamentos ditos “agitados demais” que, na visão escolar, prejudicava o desempenho deles no que se refere à aprendizagem. Ao tentar destrinchar esse pensamento, recaímos sobre a lógica do aluno-problema tão debatida ao longo da história da psicologia escolar. Em tal lógica, “são os alunos individualmente que não têm capacidade de aprender, são eles os grandes problemas da escola, reduzidos a meros objetos, independentes das dimensões sociais e políticas das instituições escolares [...]” (Asbahr; Lopes, 2006, p. 60).

Ao aplicar a dimensão “as relações sociais e os conflitos na escola” percebemos a ocorrência de práticas de *bullying* e discursos racistas entre os alunos. Em relação a esse tópico, ficou evidente que os estudantes não compreendiam, pela falta de uma reflexão crítica sobre a temática, o peso das falas que eram proferidas e as ações cometidas. Tais práticas eram tidas como “brincadeira de colegas” por quem as praticava. Nessa perspectiva, discussões acerca dessas problemáticas e de seus impactos se faz necessário no ambiente escolar, bem como a elaboração de intervenções mais assertivas, uma vez que “[...] temos o compromisso de

entender o *bullying* escolar como um reflexo das relações sociais estruturadas na sociedade.” (Crochik et al., 2014, *apud* Mezzalira, et al., 2021, p. 2)

Na aplicação da dimensão “as regras, as sanções e a segurança na escola” os alunos demonstraram ter conhecimento sobre algumas regras da instituição e relataram que nem sempre elas são seguidas à risca. Eles descreveram também que certos castigos e advertências são injustos e, de certo modo, sem valia, pois no fim não resolvem a situação de fato. Nessa esteira de análise, observa-se que as sanções em diversos ambientes escolares são descontextualizadas da realidade educacional hodierna e, na maioria das vezes, se configura como uma mera reprodução de práticas punitivas antigas. Assim sendo, “os instrumentos antes tão visíveis e expressamente ligados ao castigo foram, gradativamente, sendo sublimados em instrumentos tais como provas relâmpago, conselhos de classe, ameaças convertidas em retirada de pontos, fichas de advertência, suspensão e expulsão.” (Gomes, 2012, p. 57).

No que tange a resolução de conflitos, foi notório que os adultos que se fazem presente no cotidiano escolar empenham-se em resolvê-los, sobretudo quando se trata de brigas entre os próprios alunos. Diante do que foi posto anteriormente, os alunos têm ciência das regras impostas pela escola, todavia, não conseguem assimilar sentido a elas. Tal fato pode ocorrer devido a “[...] um clima de pouca partilha de responsabilidades na resolução dos conflitos, ou seja, o professor atua como principal ator da resolução impossibilitando, muitas vezes, que os alunos realizem o exercício de pensar em soluções aceitáveis entre os envolvidos.” (Vidigal; Oliveira, 2013, p. 217).

Ao versar sobre a dimensão “as situações de intimidação entre alunos”, foram observados casos de sofrimento dos discentes sobre essa questão, muitos já sofreram intimidação dentro da escola, como em situações de exclusão em momentos de brincadeira. Essas questões impactam, de forma contumaz, o estado emocional das crianças, pois ficam fragilizadas com os acontecimentos e demonstram profunda tristeza em seus relatos.

Nessa linha de raciocínio, as situações de intimidação escolar tornou-se, ao longo dos anos, uma problemática de saúde pública que vem acarretando consequências nefastas tanto no âmbito emocional quanto no processo de aprendizagem dos indivíduos em fase escolar. Assim, percebe-se, de forma recorrente, efeitos como: “cefaleia, isolamento, tentativas de suicídio, agressividade, irritabilidade, ansiedade, resistência em ir à instituição escolar, baixo rendimento acadêmico e relatos constantes de medo.” (Lopes Neto, 2005, *apud* Souza; Moreira, 2020, p. 12). É importante ressaltar que essas decorrências presentes na fase da infância e da adolescência podem perdurar, na maioria das vezes, até a fase adulta.

No que diz respeito à dimensão “família, escola e sociedade”, as relações de confiança dos alunos, para compartilhar as tristezas do dia a dia, costumam ser os melhores amigos. Já com os pais e professores, geralmente, conversam sobre o que ocorre no cotidiano escolar, não adentrando em questões mais sensíveis para eles. Ao ter isso em vista, o relacionamento família-escola torna-se ainda mais necessário, uma vez que a troca possibilitará uma comunicação direta quanto ao desenvolvimento e aprendizagem dos alunos dentro e fora da instituição escolar. A partilha e o bom convívio entre ambos (família e escola) viabilizam um processo de educação tranquilizador, pois “[...] a parceria de ambas é necessária, para que juntas atuem como agentes facilitadores do desenvolvimento pleno do educando no ambiente físico e social.” (Ribeiro; Caldeira; Alvarenga, 2015, p. 80).

Quanto à dimensão “a estrutura e a rede física da escola”, tivemos uma análise mais ampla da infraestrutura. Foi conversado sobre os banheiros, salas e espaços de convivência/brincadeira como uma maior necessidade de ajustamento. É perceptível que a escola necessita de uma reestruturação, visto que segundo relatos da gestão, a estrutura é antiga e não atende de forma satisfatória a comunidade escolar.

Mesmo com todos esses percalços, a gestão escolar utiliza dos recursos existentes para possibilitar um ambiente acolhedor para os seus alunos. Mas, é notório a urgência de ambientes como laboratórios, bibliotecas, bem como uma quantidade maior de equipamentos tecnológicos que possam favorecer no processo de aprendizagem dos indivíduos. De acordo com Garcia, Garrido e Marconi (2017, p. 140):

É no ambiente escolar, criado a partir de um espaço da escola, caracterizado pelos objetos, equipamentos e materiais didáticos, instalação, mobiliário e decoração (infraestrutura escolar), que se estabelecem as relações da criança com o meio e com as pessoas. Trata-se de um cenário no qual se criam e se trocam emoções, intenções sociais e aprendizagens cognitivas.

Destarte, uma infraestrutura de qualidade tende a gerar vários ganhos para os alunos, a gestão e os docentes, uma vez que ajuda os indivíduos a vislumbrar uma diversidade de experiências e inovações positivas que, por conseguinte, ajudarão no clima escolar.

Na dimensão intitulada “as relações com o trabalho” conversamos com uma professora da instituição para termos contato com a perspectiva docente no que tange à escola e ao desenvolvimento do trabalho educacional realizado. A professora em questão, relatou-nos que particularmente se sente realizada pelas atividades que desempenha dentro da escola com seus alunos, mas que há muita cobrança, principalmente da gestão e dos pais, quanto ao exercício do docente. Ela nos esclarece que as cobranças que são feitas voltam-se, em sua maioria, para o contexto de sala de aula, ao que diz respeito ao ensino-aprendizagem das crianças.

Desse modo, segundo Santos e Gonçalves (2023, p. 428):

Tudo isso ocasiona a indefinição da real função do professor, pois as exigências frente à profissão abrangem aspectos de ensino-aprendizagem, de cuidados à infância, de higiene, de saúde, de administração escolar, de respeito e trabalho com os diferentes contextos sociais, econômicos e culturais, bem como com as diferentes estruturas familiares de hoje. Podemos considerar que os professores, em certos momentos, assumem o papel de psicólogos, médicos, enfermeiros, assistentes sociais, e mesmo de pai e mãe.

Nessa perspectiva, ao nos atermos às inúmeras cobranças que atravessam o exercício diário dos docentes, torna-se perceptível as grandes implicações que esse ofício carrega. São diversas as complexidades e desdobramentos presentes no ambiente escolar e, sobretudo, no ato de ensinar.

Posto isto, ao apresentarmos as dimensões referentes do manual, foi notório através das observações e das falas dos alunos, questões marcantes em relação a má convivência entre pares. Vale destacar aqui, como resultados dessa análise, os atos de racismo e *bullying*, o isolamento de algumas crianças e os conflitos ocorridos entre os mesmos. A relação com a estrutura física da escola também foi um fator de peso a ser considerado na avaliação do clima escolar.

Para concluir, em nossa devolutiva para a instituição, que se fez através de um relatório, descrevemos os conteúdos das observações e das entrevistas que foram realizadas. Ao construirmos o documento, visamos destacar as problemáticas visíveis, mas também, pensar em soluções que fossem contribuir para a melhoria do cenário educacional presente. Foram acrescidas como propostas de intervenções: rodas de conversas para viabilizar a discussão das temáticas de racismo, bullying e violência. Esta proposta foi escolhida por ser mais acessível, no que tange ao seu desenvolvimento. Quanto à proposta direcionada para a estrutura física da instituição, foi pensada uma reforma do ambiente. A intervenção, nesse ponto, seria mais a longo prazo, pois envolve questões burocráticas.

3.Considerações Finais

Ao levar em consideração o percurso histórico da Psicologia Escolar e, principalmente, a sua construção no Brasil, percebe-se que as práticas que desenvolviam-se nessa área eram fortemente marcadas pela culpabilização dos indivíduos e suas famílias, bem como carregavam em si um teor estigmatizante sobre os seus assistidos quando o desempenho do ensino-aprendizagem não alcançavam os objetivos estabelecidos. Nesse sentido, entender todos os processos que envolvem a comunidade escolar, desde a concepção institucional aos contextos socioeconômicos-culturais de seus participantes tornam-se relevantes para uma atuação ética,

crítica e bem direcionada por parte do profissional de psicologia aos indivíduos atuantes na escola.

Nessa perspectiva, a prática realizada na escola municipal da cidade de Vitória da Conquista, visou o conhecimento e avaliação do clima escolar da instituição referida. Nossos encontros e conversas com os indivíduos atuantes da escola, abriu-nos os olhos para os diversos segmentos que abarcam o desenvolvimento educacional. A esse modo, constata-se que aprendizagem dos alunos não se realiza somente em sala de aula e que a sua estruturação possui inúmeros atravessamentos rotineiros. A relação escola-família, a estrutura física da escola, assim como as relações entre pares são alguns dos fatores que marcam o desenvolvimento do processo educativo.

Assim, ao se ater às implicações sofridas no processo de ensino-aprendizagem e as complexidades que envolvem o ambiente escolar é possível pensar e arquitetar práticas e intervenções que dialogam com a realidade que se mostra. Diante do que foi exposto, práticas que visem uma maior participação do corpo discente ao que se refere às experiências educativas são boas para esse caminho inicial. A fim de exemplos, cabe a construção de uma escuta ativa por meio de rodas de conversa que visem contribuir na resolução de possíveis demandas que venham a surgir na escola. Um bom clima escolar se faz com a participação e contribuição de todos que estão envolvidos no contexto educacional e, conseqüentemente, torna a educação dos presentes facilitada.

A prática da disciplina Psicologia e Educação nos mostrou que o exercício do profissional de psicologia no ambiente educacional deve visar a integralidade tanto dos indivíduos quanto do próprio contexto que está inserido, visto que, nenhum fazer deve ser isolado, mas sim dialogado de maneira multidisciplinar. Isso porque há somente um objetivo, que é o de contribuir no desenvolvimento de uma educação com autonomia.

4. Referências Bibliográficas

ANDALÓ, C.S.A. Psicologia e educação. In ZANELLA, A.V., et al., org. **Psicologia e práticas sociais**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, p.155-162, 2008.

ASBAHR, F. da S.F; LOPES, J.S. A culpa é sua. **Psicologia USP**, São Paulo, v.17, n.1, p. 53-73, mar, 2006.

DIAS, A. C. G; PATIAS, N. D; ABAID, J. L. W. Psicologia Escolar e possibilidades na atuação do psicólogo: algumas reflexões. **Psicologia Escolar e Educacional**, v.18, n.1, p. 105-111, jun. 2014.

GARCIA, P.S; GARRIDO, E. L; MARCONI, J. Um estudo sobre da infraestrutura da educação infantil da região do grande abc paulista. **HOLOS**, v. 1, p. 139–154, 2017.

GOMES, L. L. Z. Escola e punição: as relações entre a punição penitenciária e o contexto escolar. **Dialogia**, [S. l.], n. 16, p. 155–166, 2013.

LEONARDO, N. S. T. Inclusão escolar: um estudo acerca da implantação da proposta em escolas públicas. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, São Paulo, v. 12, p.431-440, jul/dez, 2008.

MEZZALIRA, A. S. da C; FERNANDES, T. G; SANTOS, C. M. L. dos. Os desafios e as estratégias da psicologia escolar no enfrentamento do bullying. **Psicologia Escolar e Educacional**, v.25, p. 1-5, 2021.

RIBEIRO, A. M.; CALDEIRA, Q. M. P; ALVARENGA, O. de S. Escola e Família: uma aproximação necessária. **Revista Espaço Acadêmico**, v.5, n.1, p. 72-87, 2015.

SANTOS, C. P. R. A; GONÇALVES, S. da C. M. Profissão Docente: múltiplas facetas e desafios na mobilização e valorização dos saberes. **Altus Ciência**, vol. 17, p.423-438, jan.jul, 2023.

SOUZA, W. R de; MOREIRA, A. S. O bullying e suas consequências na cultura escolar. **Pesquisas e Práticas Educativas**, v. 1, p. 1-20, 26 nov,2020.

VIDIGAL, S. M. P.; DE OLIVEIRA, A. T. Resolução de conflitos na escola: um desafio para o educador. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 24, n. 3, p. 215–234, 2014.

VINHA, T, P; MORAIS, A de; MORO, A. **Manual de orientação para a aplicação dos questionários que avaliam o clima escolar**. FE/UNICAMP, São Paulo, 2017, 77 p.

Autor 1:



Isis Eduarda Jesus Sousa
Graduanda de Psicologia na Universidade Estadual do Sudoeste Bahia (UESB). Extensionista do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Prisões, Violência e Direitos Humanos (NEPP). Monitoria de Ensino do DFCH. Integrante do Núcleo Alma e Psique.

Email: isis.eduardaj@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3495057692768645>

Autor 2:



Lesiana Oliveira Vaz
Graduanda de Psicologia na Universidade Estadual do Sudoeste Bahia (UESB).
Email: lesianaoliveira97@gmail.com
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4936783868607928>

Autor 3:



Silvânia Vaz Araújo
Graduanda de Psicologia na Universidade Estadual do Sudoeste Bahia (UESB). Bolsista no Núcleo de Defesa da Criança e Adolescente (NDCA)
E-mail: silvaniaa889@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2630802589587403>